

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O Liberal Class.: Ticuna 218Data: 19/08/91 Pg.: \_\_\_\_\_**Em quinze dias, 2 índios ticuna cometeram suicídio**

Tabatinga/AM (AJB) — Dois índios ticunas se suicidaram nos últimos quinze dias na comunidade de Umariáçu, a 3 km da sede deste município, deixando suas principais lideranças preocupadas com uma eventual expansão do chamado “flagelo Caingang” que ocorre em Dourado, Mato Grosso, onde 11 índios já se mataram nos últimos meses.

O primeiro suicídio foi praticado no último dia 6 pelo ticuna Artur Gabriel, de 32 anos, tio do vice-capitão da comunidade de Umariáçu, Waldir Mendes. Um dos motivos aparentes para o ato de Artur Gabriel foi o alcoolismo que o afastava desde o ano passado dos trabalhos rotineiros de caça, pesca e artesanato. Em consequência, “o meu tio Gabriel passou a ficar brabo e violento quando bebia. Não atendia ninguém, puxando faca para nós e brigando muito com todos os nossos parentes”, relata Mendes. Na manhã do dia 6, depois de passar a noite inteira entoando canções indígenas com uma garrafa de cachaça ao lado, apareceu enforcado no fundo do quintal, pendurado em uma árvore.

O outro suicídio ocorreu há uma semana, segundo Romualdo Fortes Filho, de 40 anos, há sete meses no cargo de capitão geral da comunidade Ticuna Umariáçu. A vítima — o índio Manoelito Tomaz Albino, de 17 anos — não bebia, não fumava e ainda não há pistas que indiquem as causas do suicídio, a não ser um forte envolvimento do adolescente ticuna com a seita fanática “Irmandade

da Cruz”, praticada pela maioria dos 5,5 mil índios na área.

Os ingredientes que temperaram as mortes de Artur Gabriel e Manoelito Albino — o álcool e a religião — coincidem nos mesmos pontos com o drama que tem empurrado os “Caingang” do Mato Grosso para o suicídio. “Aos ticunas faltam empregos”, diz o capitão geral Romualdo Fortes, lembrando que um dentista que conseguiram formar nos últimos anos continua sem trabalho na própria comunidade por falta de equipamentos e contrato com a Funai. A localidade de Umariáçu foi ficando muito “espremida” entre a cidade de Tabatinga, em permanente expansão, e a vila peruana de Santa Rosa, no outro lado do rio. Com isso, as matas e rios ficaram escassos de alimentos e nos últimos anos muitos ticunas migraram para as outras 55 aldeias dessa etnia, considerada a maior do país, com 26 mil índios, buscando uma “vida mais folgada”, como afirma o vice-capitão ticuna Waldir Mendes.

Temendo que o álcool venha contribuir para novos suicídios, o capitão Romualdo Fortes proibiu o uso de bebidas alcoólicas entre os ticunas de Umariáçu, atendendo uma antiga reivindicação dos fiéis da “Irmandade da Cruz”. Os ticunas, na visão de Romualdo “não prestam pra beber porque bons eles são de muita paz, mas quando tomam cachaça, querem se matar entre si e agora começou isso de querer tirar a própria vida”.